

UM ACERVO PEQUENO: JORNAL TCHÊ INFORMAÇÃO, COQUEIROS DO SUL (2012-2017)

Vítor Mateus Viebrantz¹

Introdução

A relação do historiador com suas fontes históricas é marcada por tensões e contiguidades. Entre encontrar, defrontar e questionar, como aponta Pinsky (2008, p. 7), os “historiadores trabalham com fontes”. E, como ela acrescenta, “[apropriam-se] delas por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas” (Pinsky, 2008, p. 7). Nesse sentido, entre tenção e tensão, “trabalhar” com as fontes históricas constitui-se do/no *métier* do historiador e também mobiliza, de sua prática, preocupações com a integridade das fontes históricas, atuando pela preservação e salvaguarda desses vestígios do passado.

Este texto tem origem em percursos e atuações vivenciadas por este historiador nessa relação de tensão e contiguidade que indicamos: do “trabalhar” com a fonte e também do se mobilizar pela sua preservação. Nesse sentido, considerando nossas experiências e ações com o “pequeno acervo” do jornal *Tchê Informação* de Coqueiros do Sul, o texto articula uma dupla discussão: por um lado, a problematização e potencialidades deste material como fonte histórica da imprensa local; de outro, uma reflexão sobre as mobilizações de reunir e de preservá-lo, considerando as demandas e procedimentos de higienização e acondicionamento empregados na salvaguarda particular de tal “acervo”.

O *Tchê Informação* e a formação do “acervo pequeno”

O jornal *Tchê Informação* foi um periódico de circulação local/regional no norte do Rio Grande do Sul, abrangendo os municípios de Coqueiros do Sul, Carazinho, Chapada e Almirante Tamandaré do Sul. Sua sede administrativa e editorial localizava-se em Coqueiros do Sul. Tinha periodicidade semanal, com circulação às sextas-feiras a tarde, tendo circulado entre 2012 e 2017. No período que esteve em atividade passou por distintas fases editoriais, marcadas por mudanças constitutivas, materiais e de circulação.

Em uma “primeira” etapa, de setembro de 2012 até maio de 2014, o periódico circulou com dez páginas, sendo as internas em preto e branco e as capas e contracapas coloridas. A

¹ Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista do PROSUC da CAPES. Mestre (2024) e graduado (2022) em História pela UPF.

partir de junho de 2014, passou a circular conjuntamente com o jornal *Visão Carazinhense*² de Carazinho, adotando formato integralmente colorido e os mesmos elementos visuais do jornal parceiro. A partir de setembro de 2015, o *Tchê Informação* retomou sua circulação independente, mantendo o padrão de oito a dez páginas, com miolo em preto e branco e partes externas coloridas até sua descontinuação em outubro de 2017. O tamanho do suporte de papel se manteve continuamente em 40 cm de comprimento por 30 cm de largura.

Lançado em 20 de setembro de 2012, data de forte simbolismo cívico no imaginário sul-rio-grandense e como propunha sua denominação, a primeira edição trazia na capa a chamada de um evento de comemoração daquela “Semana Farroupilha” promovida pelo Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Querência do Leão, de Coqueiros do Sul.

Figura 1 - Capa da primeira edição do *Tchê Informação* (20/09/2012)



Acervo do autor.

A centralidade à fotografia das “prendas” do CTG e o texto da chamada implicavam dar centralidade a relação do jornal com a data comemorativa. Além disso, mais duas chamadas de matérias compunham essa primeira capa, ambas de eventos locais: a “Festa da Melhor Idade” e o “Desfile de 07 de setembro”, ambos em Coqueiros do Sul. Essa primeira capa expunha ao leitor do novo jornal a proposta do periódico em debruçar-se centralmente no cotidiano local.

Nesse mesmo sentido, o *slogan* do periódico – “A informação que te move” – apresentava ao leitor a proposta de informar (termo também presente no nome do jornal) no sentido de se constituir, como podemos compreender, como um veículo de comunicação local,

² Periódico carazinhense que circulava semanalmente naquela cidade, esteve em circulação entre 2011 e 2015.

que “move” aos sujeitos no sentido da difusão de informações de interesse comunitário, cultural, político e social do local.

O primeiro editorial, assinado pelo Diretor Comercial e proprietário, Nelson Henrique Schmidt, abordava da novidade que o periódico propunha àquelas comunidades:

Sempre incentivei as pessoas a sonharem, fazerem planos, muitos audaciosos. Porém também sempre disse que não bastava apenas sonhar. É preciso planejar e ter atitude para colocar este planejamento em prática, para que os sonhos e planos tornem-se realidade. Tenho uma ligação muito forte com o Município de Coqueiros do Sul e Região. Minhas origens estão aqui, tenho muito orgulho disso. Nosso povo é hospitaleiro e de bem com a vida. Após ficar algum tempo afastado, retornei e tive a certeza de que era aqui que deveria me estabelecer. Conheci muitas cidades, não desmerecendo nenhuma, mas a que mais desejei investir foi Coqueiros do Sul, tanto que por muitas vezes cheguei a comentar com amigos. E é isso que faço hoje. Continuarei atuando em outras, mas o foco agora é aqui, enfim o dia chegou. Tenho a plena certeza que estou chegando para ficar. Estabeleço-me em um Município que muito mais do que estar centralizado logisticamente entre “meus caminhos”, possui na sua população o espírito empreendedor, pessoas trabalhadoras e batalhadoras, com o desejo de crescimento, fundamental a qualquer instituição. Nosso objetivo como jornal vai muito além de levar notícias imparciais aos leitores. Queremos mostrar o que temos de bom a toda a região, e acima de tudo fazer com que nossos leitores também sejam notícia. Não fizemos a notícia, apenas as publicamos, contamos com todos para que o *Tchê Informação* sempre leve boas notícias. Queremos crescer, mas principalmente ser um meio de comunicação que apoie e auxilie no desenvolvimento econômico e intelectual de nossos leitores e anunciantes. Sonhei, planejei e hoje torno realidade este sonho. Mas apenas fundamentos teóricos e atitude não bastam. Se estou aqui hoje é porque muitas pessoas me incentivaram a seguir meus ideais, infelizmente algumas não se fazem mais presentes de corpo, mas muito mais presentes em pensamento. Obrigado a todos.³

Analisando o teor do editorial, podemos identificar nos apontamentos do proprietário Nelson H. S. que o lançamento do jornal carregava interesses que perpassavam àqueles de demanda informativa, mas também traziam os de expressão de um projeto pessoal e comunitário de protagonismo local. Ao destacar que a iniciativa do periódico articulava a circulação de notícias no sentido de “mostrar o que temos de bom a toda região”, o proprietário mobilizava seu leitor/assinante e projetava o jornal como instrumento de articulação afetiva e pública. O *Tchê Informação* configurou-se, nos mais de cinco anos que circulou, portanto, como resultado dessa articulação intencional sobre a cotidianidade coqueirense e tamandarense lançada naquele setembro de 2012.

A estrutura editorial do semanário sofreu diversas variações de acordo com as configurações de circulação que situamos anteriormente. Sobretudo, analisando as edições, podemos citar seções que se repetiram em todo período: piada, *click* (fotografia) e previsão do

³ TCHÊ INFORMAÇÃO. *Editorial*. Coqueiros do Sul, 20/09/2012, n. 1, p. 2.

tempo da semana, seção de divulgação dos trabalhos do Poder Legislativo coqueirense e o editorial. Além disso, grande parte do periódico era composto fixamente pelas notícias públicas e de divulgação oriundas dos setores de imprensa das prefeituras de Coqueiros do Sul e Almirante Tamandaré do Sul, sendo matérias pagas e assinadas. Outras, ainda, eram oriundas da divulgação de ações das cooperativas patrocinadoras do jornal: o banco Sicredi e a cooperativa agrícola Cotrijal. Havia ainda matérias produzidas pela própria redação do periódico, tratando de eventos sociais, festivos, religiosos e da cotidianidade coqueirense, muitos desses repercutindo matérias e/ou materiais de outros veículos de comunicação regional.

Além disso, havia nas páginas do semanário convites para eventos das comunidades religiosas, esportivas, entidades sociais, das atividades e promoções dos poderes públicos de Coqueiros do Sul e Almirante Tamandaré do Sul. Também havia uma vasta presença de homenagens prestadas por familiares às pessoas pela passagem dos seus aniversários, comemorações de casamentos, formaturas, formações religiosas, etc. Parabenizações pelas atividades empreendedoras e, nesse sentido, os anúncios pagos de divulgação das empresas e comércios. Algumas edições próximas a datas comemorativas ou eventos locais traziam entrevistas e depoimentos de sujeitos das comunidades, como nos aniversários das emancipações de Coqueiros do Sul e Almirante Tamandaré do Sul, dos eventos municipais destaques como o Festival do Imigrante e Gaitaço e festividades farroupilhas, juninas, etc.

A seguir, elencamos “recortes” de alguns exemplares com tipologias centrais de seções do jornal que podem ser encontradas como segmentos temáticos.

Figura 2 - Questões políticas



n. 15, 05/01/2013.
Capa do jornal repercute as posses dos prefeitos e vice-prefeitos dos municípios de Coqueiros do Sul e Almirante Tamandaré do Sul.

n. 126, 08/03/2015.
Capa e página 3 repercutem a eleição suplementar para prefeito e vice-prefeito de Almirante Tamandaré do Sul, episódio político desencadeado pela cassação dos mandatários eleitos em 2012.

n. 67, 03/01/2014.
Capa do jornal repercute a posse da nova Mesa Diretora da Câmara Municipal de Coqueiros do Sul.

Anais do IV Seminário Internacional da Rede de Pesquisa em Acervos e Patrimônio Cultural - Acervos e materialidades: reflexões, experiências e desafios Ano IV, N. 4, janeiro de 2026

Figura 3 - Registros do cotidiano e de paisagens



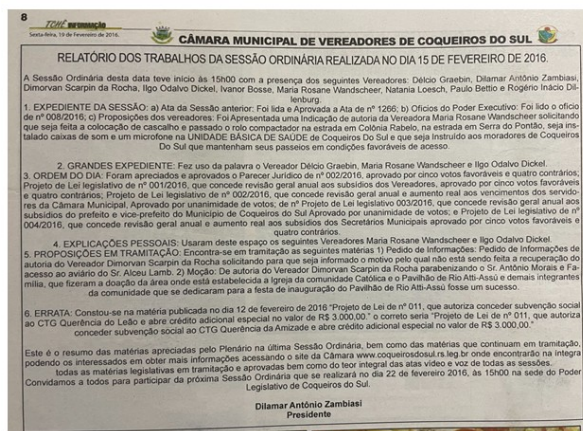
n. 146, 31/07/2015.

Registro do grupo de amigos no baile do Festival do Imigrante em Coqueiros do Sul.

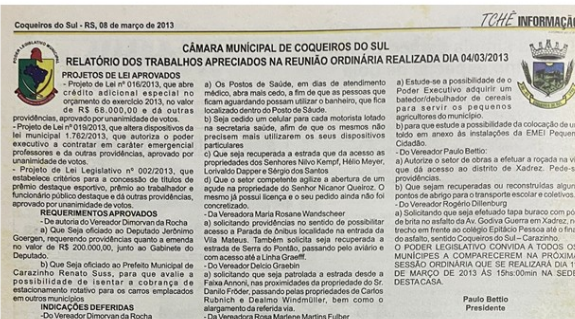
n. 133, 24/04/2015.
Registro de árvores de mamão na propriedade de um assinante em Coqueiros do Sul.

n. 192, 02/09/2016.
Registros de orquídeas florescidas da casa de uma assinante em Coqueiros do Sul.

Figura 4 - Relatórios dos trabalhos das sessões do Poder Legislativo de Coqueiros do Sul



n. 192, 19/02/2016, p. 8.



n. 23, 08/03/2013, p. 10.

Figura 5 - Homenagens: aniversários, formaturas, comemorações



Como já indicado, as colunas/matérias/seções do semanário variaram ao longo de seus cinco anos de circulação, incorporando conteúdos diversos. Considerando os recortes de seções que elencamos nas figuras acima, o periódico sustentou, nessa diversidade editorial, não apenas a publicação de notícias, mas também a divulgação de conteúdos sociais, culturais e aspectos afetivos e do cotidiano dos indivíduos locais. Não dispomos da informação do quantitativo de tiragens que circulavam.

Considerando o “trabalho com as fontes” e a dimensão da preocupação com as fontes históricas indicadas como próprias da prática do historiador, queremos neste ponto, relatar como o conjunto de exemplares do *Tchê Informação* passou à nossa guarda e, posteriormente, salvaguarda privada. Quando jovem, antes se tornar historiador, morava em Coqueiros do Sul, onde estava a sede editorial do semanário. A partir de 2015, passei a trabalhar como entregador e diagramador do jornal, assumindo também funções administrativas e de redação.

No final de 2016, o conjunto de exemplares mantidos pelo proprietário do jornal, Nelson H. S., precisou ser alterado de local, quando o mesmo me pediu se eu teria interesse de guardar os exemplares. Aceitei e os reuni em minha posse. Quando o periódico foi descontinuado, tal conjunto de exemplares ficou comigo, guardado em um armário pessoal, em Coqueiros do Sul. Perceba que aqui o termo utilizado para se referir a esse movimento é “guarda”. Porque era isso mesmo que se tratava: sem organização, sem medidas/cuidados de preservação e, ainda que houvesse senso pessoal identificando aquele material como algo importante da memória local, não o compreendia como fonte histórica. Ou seja, antes de ser uma ação de coleção, se tratou de uma coleta bem-intencionada, reunião e guarda daquele conjunto de exemplares do *Tchê Informação*.

Algum tempo depois, já graduando em História, ao (re)encontrar, defrontar e questionar tal conjunto de exemplares por meio das aprendizagens da/na Oficina de Clio, passei a compreender sua importância como fonte histórica, vestígio do passado recente da localidade conterrânea. Ainda como graduando, em 2019, atuando como estagiário no Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo (AHR-UPF), surgiu a oportunidade da salvaguarda: organizar, higienizar e acondicionar esse conjunto particular, aplicando técnicas de preservação, organizando-o como “acervo”. E, diante da ausência de órgãos institucionais de preservação confiáveis em Coqueiros do Sul e/ou em Almirante Tamandaré do Sul, assumir a função custodiadora desse “acervo privado” indeterminadamente.

Nesse sentido, é desta forma que o “pequeno acervo” se organizou, da relação visceral que tive com sua produção de imprensa, sua circulação e descontinuação, mas também do “trabalho” com ele como fonte histórica: importante como vestígio do passado local e também da preocupação/custódia com sua integridade e preservação.

História e Imprensa, jornais e o “trabalho” com a fonte do “pequeno acervo”

A imprensa é uma fonte histórica importantíssima para o *métier* do historiador e à escrita da História. Para Cruz e Peixoto (2007), ela é muito mais que registro, é “uma força ativa da história do capitalismo e não mero [...] depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas” (Cruz e Peixoto, 2007, p. 257). Ou seja, a imprensa tem, como elas seguem apontando, “sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 257). Assim, a imprensa é compreendida como partícipe na produção de sentidos sobre o social.

Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (Cruz; Peixoto, 2007, p. 258).

Portanto, ao apreender e relacionar essas historicidades e peculiaridades, a imprensa, enquanto fonte histórica, é tanto vestígio do passado, por sua composição de registro, quanto é instrumento de elaboração do social, no qual se projetam representações e interesses da época.

Os jornais, nessa perspectiva, como uma das tipologias da imprensa, devem ser situados em suas temporalidades e singularidades, reconhecendo suas especificidades materiais e sociais.

Como Barros (2019) indica, o jornal é um periódico, com ritmo de produção em que uma edição sucede a outra. Sua materialidade é normalmente composta de “cadernos de papel e por caracteres gráficos neles impressos” (Barros, 2019, p. 159-160). O autor tipifica que os jornais são fontes históricas “realistas”, pois, como ele justifica:

Todo jornal, a não ser que seja um jornal de humor, ampara-se na possibilidade de inspirar e manter em seus leitores a viva convicção de que ali, naquelas páginas ásperas e por vezes levemente amareladas, fala-se de fato da realidade, da vida efetivamente vivida, da história que se refaz a cada novo dia, de algo que realmente ocorreu e do qual se dá um retrato fiel e não comprometido por parcialidades – embora a impossibilidade efetiva dessas posturas parciais seja sempre bastante evidente para os analistas de periódicos e também para os leitores mais argutos (Barros, 2019, p. 164).

Com a tipificação de “fonte realística”, Barros (2019) assinala que os jornais possuem essa suposta dimensão de registro da “realidade”. Todavia, como o mesmo complementa, não é considerá-lo ingenuamente:

Considerar o jornal como um tipo de “fonte realista”, é claro, implica compreender que o discurso realista encaminhado pelos jornais nada tem de neutro. De alto a baixo, os jornais são atravessados por posicionamentos no tocante à realidade social, os quais se conectam visceralmente a certos interesses políticos, sociais e econômicos. A intenção de agir sobre a sociedade através de seus discursos sobre a realidade, e das informações que selecionam ou mesmo fabricam, é muito característica dos jornais – ou da multiplicidade de autores, profissionais, editores e sujeitos sociais neles envolvidos (Barros, 2019, p. 165).

Desse modo, a tipificação de “fonte realística”, segundo o que Barros (2019) aponta, quer situar que os jornais registram aspectos da “realidade”, mas de maneira nunca neutra, estando atravessados por interesses políticos, sociais e econômicos e pela intenção de influenciar percepções e comportamentos na sociedade. Considerar os jornais sob essa categoria implica compreender que cada exemplar é simultaneamente documento e discurso, de escolhas editoriais, representações sociais e posicionamentos dos diversos sujeitos envolvidos em sua produção.

Considerando a prática histórica do *métier* do historiador, como Cruz e Peixoto (2007, p. 258) indicam:

Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um

jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico.

Esse apontamento das historiadoras trata de uma preocupação metodológica central ao “trabalho” do historiador: compreender que os jornais não são, por si mesmos, fontes históricas, mas artefatos intencionais de seu tempo. A sua historicização decorre, portanto, da intervenção do historiador, que realiza operações de seleção, problematização e interpretação. É ele quem transforma esse material em “fonte histórica”.

Problematizar os jornais como fonte histórica requererá questionar, a partir da compreensão de “fonte realística” (Barros, 2019), as intencionalidades e constituições presentes nos discursos do jornal. Simultaneamente a essa dimensão, a historicização deve considerar que cada exemplar constitui um artefato resultante, em sua própria constituição, de decisões e estratégias editoriais, de escolhas técnicas de impressão, diagramação e tipografia, bem como de condições de circulação e recepção que precisam ser investigadas pelo historiador, pois constroem e orientam a percepção do leitor, refletindo tensões e os interesses do período histórico em questão (Barros, 2019).

Tais preocupações metodológicas são particularmente pertinentes em nossa discussão sobre o “acervo pequeno” do *Tchê Informação*. Contribuem para encaminhar que os exemplares do semanário não são em si fontes históricas, mas artefatos produzidos em peculiaridades de interesses, intenções comerciais e editoriais do proprietário. Também que os exemplares não apenas registraram ocorrências, mas que também atuaram e participaram da elaboração do social coqueirense e tamandarense.

Por fim, a tipificação de “fonte realística” permite problematizar o *Tchê Informação* a partir das dimensões de registro e de atuação social, considerando as intencionalidades presentes na sua materialidade, nos discursos/narrativas e fotografias circuladas. E, diretamente relacionada a esses pontos, e ainda ao nosso relato de experiência pessoal com a composição do “acervo”, a compreensão de que a historicização deste “acervo pequeno” é consequência do fazer do historiador, ou seja, o ato de compreender o *Tchê Informação* como fonte histórica é da nossa agência como historiador.

A partir dessas reflexões teóricas e metodológicas, interpretamos o *Tchê Informação* não apenas pelos seus registros, conteúdos e materialidade, mas também pela sua constituição social e comunitária. Historicizando, ou seja, dando sentido às seções, à cobertura espacial e temporal e à diversidade editorial voltadas ao local, o jornal se propôs, à época que circulou, se constituir como um “jornalismo local”, estreitamente vinculado às dinâmicas sociopolíticas e

culturais dos municípios que estava presente, especialmente Almirante Tamandaré do Sul e Coqueiros do Sul.

Como indicava o proprietário Nelson H. S. no editorial da primeira edição, em setembro de 2012, o semanário pretendia “mostrar o que temos de bom a toda a região”, “fazer com que nossos leitores também sejam notícia” e “ser um meio de comunicação que apoie e auxilie no desenvolvimento econômico e intelectual de nossos leitores e anunciantes”.⁴ A partir dessas passagens, podemos apreender esse esforço do periódico em incorporar uma lógica participativa que reconhecia e integrava as experiências dos sujeitos leitores. Também articulava interesses comerciais à circulação de afetividades e enunciações do/no cotidiano local, operando simultaneamente como registro de ocorrências, mediador das experiências comunitárias e agente de elaboração, reforçando ao longo de seus cinco anos de circulação, o sentido de pertencimento e a participação local.

É nesse sentido que o acervo do periódico, ainda que reduzido em número e extensão, constitui-se relevante para a Oficina de Clio: com as possibilidades de entrevistas, recados, homenagens, depoimentos, atividades culturais, sociais, opiniões, fotografias e descrições. Formas, vivências e espaços do cotidiano local que constituem a memória coletiva foram registrados nas páginas do semanário, mas também estão relacionadas, com intencionalidades de produção e circulação à atuação do semanário no cotidiano local. Sendo, o “acervo pequeno” do *Tchê Informação*, sob essa interpretação, uma fonte histórica local como fonte de registro e da própria atuação social e coletiva, em que se (ente)cruzam o político, o cultural, o social, o comunitário e o afetivo da experiência histórica e do cotidiano da região entre 2012 e 2017.

Considerando as potencialidades e peculiaridades que se configuram da historicização do conjunto dos exemplares do *Tchê Informação* – das suas possibilidades de seleção e interpretação, de sua instância como memória das práticas de registro, de elaboração do social e do comunitário dos municípios coqueirenses e tamandarenses – podemos compreender o sentido da preservação de seus exemplares como “acervo”: de assegurar a continuidade dessa fonte, também como parte do *métier* do historiador.

⁴ TCHÊ INFORMAÇÃO. Editorial. Coqueiros do Sul, 20/09/2012, n. 1, p. 2.

Tensão e contiguidade: a preservação e salvaguarda do *Tchê Informação*

Nesse horizonte interpretativo, compreendemos o *Tchê Informação* como fonte histórica em sua dupla dimensão. De um lado, como já analisado, atuante como agente de elaboração social de sua época, funcionando também como registro narrativo, pictográfico e textual. De outro lado, tem sua constituição de artefato, pelo seu suporte físico, tipografia, materialidade e configuração como conjunto de exemplares das diversas edições. Em tal dimensão, demanda cuidados e técnicas de preservação que se situam entre a tensão e a tenção próprias do trabalho do historiador com sua fonte, articulando o fazer histórico ao gesto da salvaguarda.

Convém esclarecer que, ao longo do percurso/cuidado com a reunião e guarda dos exemplares do *Tchê Informação*, nossa atuação não se enquadra na figura do colecionador, no sentido de coligir objetos ou exemplares por “gosto” pessoal ou por interesse estético. Tratou-se, antes, de um gesto de coleta: uma ação casual surgida da necessidade/oportunidade de realocar a guarda dos exemplares, cumulada com a própria experiência enquanto parte da equipe do periódico. Esse coletar implicou mobilizar-se para guardar esses artefatos no sentido prático.

Apenas posteriormente, já como historiador, exatamente naquilo que Cruz e Peixoto (2007) indicavam do movimento do historiador de transformar o jornal em fonte histórica, passei a identificar aquele conjunto de exemplares coletados como tal. Ou seja, essa historicização do conjunto do jornal constitui-se de uma subjetividade do “eu historiador”, de contiguidade e interesse na integridade daquele “acervo” potencial para o *métier* histórico.

Também é importante destacar e justificar a utilização que fazemos do termo “acervo” para esse conjunto de exemplares do periódico jornalístico. Segundo a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) (2006, p. 14), acervo é a “totalidade de documentos de uma entidade custodiadora”. Distendendo essa definição, definimos o conjunto dos exemplares coletados, guardados e salvaguardados do *Tchê Informação* como tal por configurarem a totalidade das suas edições organizadas. Esse “acervo”, portanto, mesmo estando sob nossa ação custodiadora particular e ser “pequeno” – qualificação que lhe atribuímos não apenas pela “pequena” quantidade de exemplares e abrangência espacial-temporal, mas também pela relação pessoal marcada com ele – configura-se um conjunto coerente, o último dessa imprensa coqueirense.

Nesse sentido, a distinção dessa prática de coletar permite demarcar nossa postura enquanto historiador comprometido com a integridade das fontes, nossa subjetividade pela contiguidade com esse “acervo pequeno” e com a dimensão pública de seu uso, situando a experiência pessoal dentro de uma prática metodológica de salvaguarda. E, nesse sentido ainda, a utilização terminológica de “acervo” ainda quer reforçar a dimensão de coerente desse conjunto que reúne os exemplares como fonte histórica. Assim, a ação de salvaguardar tal “acervo” expressa um gesto de cuidado com a história recente das comunidades dos municípios de abrangência do *Tchê Informação* e expressa a importância dessa ação que é pessoal, subjetiva, mas também do “eu historiador” na salvaguarda dessa materialidade local, especialmente tendo em vista a inexistência instituições de memória estruturadas e confiáveis nos municípios de Coqueiros do Sul e Almirante Tamandaré do Sul.

Por ora, queremos elencar/relatar alguns aspectos relacionados a nossa atuação de salvaguarda particular do “acervo pequeno” do *Tchê Informação*, quanto as técnicas empregadas e quanto aos desafios e limitações da preservação privada. Desde a descontinuação do jornal, em outubro de 2017, ficaram em nossa “guarda” 231 edições. Como já indicado anteriormente, nesse primeiro momento “em guarda” porque os exemplares estavam apenas coletados e depositados em um armário, sem nenhuma classificação e/ou cuidados de preservação.

Quando em 2019, com a oportunidade de organizar esse conjunto nas dependências do AHR-UPF, o processo foi acompanhado pela técnica e historiadora Sandra Mara Benvegnú, já no esforço de salvaguarda dos suportes físicos. A primeira etapa dessa mobilização, foi o processo de higienização, avaliação e organização dos exemplares. Para tanto foram selecionados apenas um exemplar de cada edição. Depois, foi realizada a limpeza mecânica em todas as páginas de todos os exemplares selecionados, higienizando em sentido unidirecional e utilizando e pinceis de cerdas macias. Após a totalidade de exemplares limpos, foram identificados alguns, sobretudo do ano de 2012 e 2013, que necessitaram de intervenções com papel japonês (Washi) e cola artesanal para estabilizar o suporte de papel e evitar “rasgos”, contribuindo à extensão das suas conservações.

Com essas intervenções concluídas, foi feita a organização e arranjo das edições considerando sua produção e classificando elas de forma crescente por semana, mês e ano em que circularam (vide a Figura 8). Posteriormente, foram confeccionadas “cintas” de papel com identificadores para os anos e feita a separação. Por fim, entre cada exemplar dos anos de 2012 e de 2013 (vide a Figura 6) foi incluída uma folha de papel comum (Offset) maiores que as

dimensões do jornal, interfoliando as edições que eram as mais frágeis de todo o conjunto. Estava assim organizado o “acervo pequeno” do *Tchê Informação*.

Figura 6 - Anos 2012 e 2013 estão interfoliados

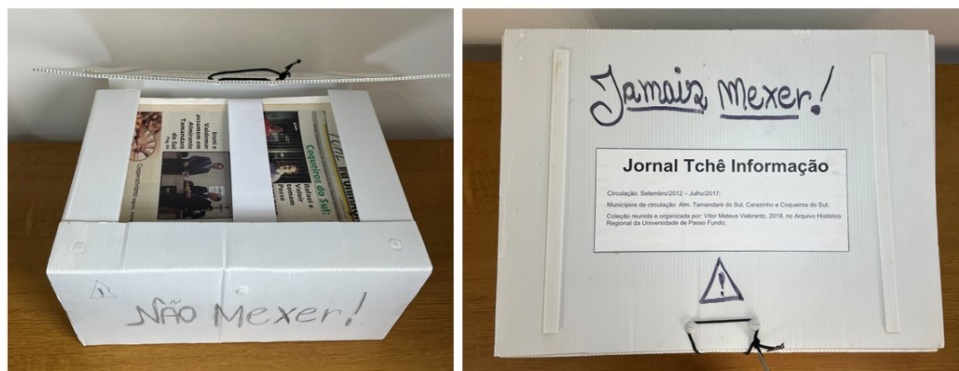


Fonte: acervo do autor.

A etapa seguinte foi a definição e confecção de um recipiente de acondicionamento que receberia o “acervo pequeno”. Seguindo as recomendações da Sandra M. B., optou-se pela utilização de uma caixa de material polionda, que é amplamente indicado em práticas de preservação por sua leveza, resistência e capacidade de proteção contra agentes externos, como umidade e poeira. Além dessas qualidades, o material de polionda apresenta a vantagem de permitir a circulação do ar, o que impede o aprisionamento da umidade e favorece a “respiração” interna do conjunto acondicionado, contribuindo para a estabilidade do suporte de papel.

A montagem da unidade de acondicionamento foi realizada por mim, seguindo orientações técnicas e com a colaboração da Sandra M. B. Foi confeccionada com dimensões de 31 cm de largura, 41 cm de comprimento e 20 cm de altura, medidas que possibilitam o armazenamento adequado dos exemplares do *Tchê Informação* sem dobras ou compressões. As junções da unidade possuem fixação mecânica com o uso de parafusos e porcas plásticas, que asseguram estabilidade à estrutura. A tampa da unidade de acondicionamento é móvel e foi estruturada com dois pontos de fixação mecânica, compostos por parafusos e porcas plásticas. Um terceiro ponto de fixação, localizado no lado oposto do comprimento, permite o fechamento da caixa por meio de um cordão elástico de amarração, que mantém a tampa estável e garante a vedação adequada sem comprometer a ventilação interna (vide a Figura 7). Na parte superior da tampa foi inserida a identificação do conteúdo da unidade (vide a Figura 7).

Figura 7 – Unidade de acondicionamento onde está armazenado o “acervo pequeno”



Fonte: acervo do autor.

Internamente, os exemplares do jornal foram acondicionados de forma empilhada, com as identificações dos anos dispostas nas “cintas” de separação voltadas para a parte móvel da tampa, o que possibilita a visualização da classificação por ano quando o recipiente é aberto (vide a Figura 8). Essa disposição favorece a rápida localização dos exemplares a serem consultados, minimizando o risco de danos físicos durante a sua retirada do recipiente.

Preocupados com a proliferação de agentes biológicos que poderiam comprometer a integridade dos documentos, confeccionamos duas pequenas “trouxinhas” contendo repelentes naturais, compostas com canela em pau, folhas de louro e cravo-da-índia (vide Figura 9). Esses materiais, tradicionalmente reconhecidos por suas propriedades inibidoras de fungos e insetos, foram posicionados um dentro da unidade de acondicionamento e outro no armário onde o recipiente está depositado, como medida preventiva.

Figura 8 - Acondicionamento e ordenação dos exemplares na unidade de acondicionamento



Fonte: acervo do autor.

Figura 9 - Trouxinha de repelentes biológicos



Fonte: acervo do autor.

Assim, aquele conjunto coletado outrora foi organizado como “acervo” do *Tchê Informação*, recebendo as medidas protetivas relatadas. Atualmente a unidade de acondicionamento está em um armário em nossa residência em Coqueiros do Sul, seguindo em salvaguarda privada pela ausência de instituições públicas locais que se interessem e assegurem a preservação do material. Nesse sentido, queremos elencar algumas ações e alguns desafios que ser custodiador do “acervo” requer.

Conforme orienta Cassares (2000, p. 26), “a higienização [...] deve ser um hábito de rotina na manutenção”. Seguindo essa instrução da autora, realizamos periodicamente a higienização do acervo do *Tchê Informação*, incluindo a limpeza física dos exemplares, com a remoção de poeira e partículas suspensas e a inspeção para identificação de danos ou contaminações. Além disso, o armário onde a unidade de acondicionamento está depositada recebe limpeza regularmente.

No entanto, mesmo com a adoção dessas práticas básicas de conservação, a salvaguarda do acervo enfrenta desafios e limitações significativos, sobretudo no que se refere ao controle ambiental. A manutenção dos exemplares em um móvel com ventilação apenas parcialmente adequada, somada às variações de temperatura, umidade relativa e qualidade do ar, compromete a estabilidade dos suportes físicos. Além disso, a utilização das “trouxinhas” de repelentes naturais exige renovação periódica, o que se configura como outro desafio prático da conservação doméstica, pois demanda tempo, cuidado e regularidade na substituição para garantir sua eficácia preventiva.

Soma-se a isso o fato de tratar-se de uma salvaguarda privada, realizada em ambiente doméstico, o que amplia os riscos de manuseio indevido e de danos acidentais. O acervo está abrigado na residência da minha família, e, nesse contexto, demandam estratégias cotidianas de proteção: o isolamento do móvel onde está a unidade de acondicionamento e a inscrição nela

das mensagens imperativas “não mexer” e “jamais mexer!”, visíveis na Figura 7. Ambas expressam a tentativa de controlar o acesso e reduzir o risco de intervenções não autorizadas. Essas precauções exemplificam, portanto, as tensões próprias da preservação privada: ainda que assegurem a continuidade material dos exemplares, expõem também os limites e vulnerabilidades de um acervo mantido fora de instituições especializadas.

Outro dos desafios centrais para o trabalho de salvaguarda do acervo é a digitalização completa dos exemplares, medida que, ao evitar o manuseio físico, contribuiria para a conservação dos documentos. Como destaca Luca (2024, p. 203), “digitalizar documentação e disponibilizá-la obviamente não resolve os problemas colocados, só muda o modo de apresentação do que nos foi deixado”. De fato, a digitalização é um processo moroso, difícil, exigente e complexo, que requer não apenas recursos técnicos, mas também uma plataforma adequada – seja um site, Google Drive ou outro serviço em nuvem – para hospedar o acervo e dinamizar sua disponibilização. Assim, embora a digitalização possa reduzir o desgaste físico dos exemplares, ela não substitui o cuidado direto com os documentos, limitando-se a transformar a forma de acesso e apresentação do material preservado.

Outro desafio que se impõe à nossa salvaguarda privada diz respeito à divulgação do acervo. É necessário tornar pública a sua existência, comunicar que o conjunto está conservado e acessível, e que pode servir à pesquisa e à valorização da memória local. Essa ação se dirige, principalmente, às comunidades de Coqueiros do Sul e Almirante Tamandaré do Sul, nas quais o jornal *Tchê Informação* teve maior circulação. Trata-se de pensar estratégias de difusão que tornem o acervo conhecido nessas localidades, como, por exemplo, por meio de exposições, apresentações, atividades educativas ou mesmo pela divulgação em meios digitais. A divulgação não é apenas um complemento da conservação, mas parte essencial da própria salvaguarda, pois assegura que o acervo continue a gerar sentido e permaneça presente na memória coletiva dessas comunidades.

Considerações finais

Neste relato, articulamos uma dupla dimensão do trabalho do historiador com as fontes históricas a partir de nossa experiência com o “acervo pequeno” do jornal *Tchê Informação*: a problematização de suas potencialidades interpretativas e a mobilização prática pela sua

preservação. Nesse sentido, pudemos compreender como essas duas dimensões não são separáveis, mas são constitutivas do *métier* do historiador e de suas vivências subjetivas.

Essa nossa relação visceral com o *Tchê Informação*, marcada pela participação em sua produção, pela coleta casual de seus exemplares e, posteriormente, pela identificação historiográfica de sua importância como fonte histórica, expressa que a historicização das fontes não é um procedimento puramente técnico ou distanciado. Ao contrário, ela envolve afetos, memórias e escolhas pessoais que se entrelaçam com a formação profissional e a responsabilidade pela salvaguarda. A própria denominação “acervo pequeno” que atribuímos ao conjunto dos exemplares marca essa contiguidade subjetiva: não se trata apenas de uma caracterização quantitativa, mas de um reconhecimento da intimidade e da relação pessoal com esse conjunto documental que registrou e participou da elaboração do social das comunidades coqueirense e tamandarense.

Os procedimentos de higienização, acondicionamento e conservação relatados, bem como os desafios da preservação particular e doméstica encaminham que a salvaguarda privada, embora marcada por precariedades e vulnerabilidades, pode constituir-se em alternativa legítima diante da ausência de instituições públicas especializadas. Essa experiência particular reforça a compreensão de que o cuidado com as fontes históricas não é prerrogativa exclusiva dos arquivos institucionais, mas pode – e às vezes precisa – ser assumido pelos próprios historiadores quando as circunstâncias locais assim o exigem. Tal prática, longe de representar uma solução ideal, configura-se como um “gesto” de compromisso com a memória local, assegurando que materialidades históricas não se percam pela indiferença institucional ou pelo descaso público.

Por fim, com o relato e discussões estabelecidas neste texto concluímos como o trabalho do historiador com suas fontes é atravessado pelas múltiplas instâncias e demandas teóricas, metodológicas, técnicas, afetivas e subjetivas. O “acervo pequeno” do *Tchê Informação*, em sua dupla condição de fonte histórica e conjunto em salvaguarda, compreendemos nessa complexidade relacional. Sua preservação e disponibilização para pesquisa representam não apenas a conservação de registros do passado recente, mas também a valorização da história e da imprensa local (mesmo que descontinuada). Assim, a experiência aqui relatada busca contribuir para a reflexão sobre as práticas historiográficas e também de salvaguarda, reafirmando que a relação do historiador com suas fontes é, fundamentalmente, uma relação de proximidade, cuidado e responsabilidade.

Fonte consultada:

TCHÊ INFORMAÇÃO. [Jornal]. Coqueiros do Sul. Anos consultados: 2012 – 2017. Acervo do autor.

Referências:

BARROS, José d'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. São Paulo: Vozes, 2019. [E-book]. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 25 out. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. *NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/nobrade.pdf>. Acesso em: 25 out. 2025.

CASSARES, Norma Cianflone. *Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000. (Projeto Como fazer, v. 5). Disponível em: https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf5.pdf. Acesso em: 25 out. 2025.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 21 out. 2025.

LUCA, Tania Regina de. Impressos periódicos e escrita da história: notas sobre o cenário atual. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 185, n. 495, p. 193-205, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.23927/revihgb.v.185.n.495.2024.192>. Acesso em: 25 out. 2025.

PINSKY, Carla Bassanezi. Apresentação. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 7-8.